

## DO BARRO AO PAPEL: A HISTÓRIA DE LETRAMENTO DE UMA PROFESSORA ALFABETIZADORA

Carla Sass

*Universidade do Estado do Rio de Janeiro; carlinha\_sass@hotmail.com*

### **Resumo:**

O presente trabalho é um recorte da pesquisa de mestrado, intitulada “Histórias de letramento de professoras alfabetizadoras”. O objetivo foi investigar como professoras alfabetizadoras atuantes em escolas municipais de Niterói (RJ) se tornaram letradas e que experiências pedagógicas vivenciaram/vivenciam em seus processos de letramento, buscando conhecer e compreender o modo como as professoras entendem o processo de letramento e que concepções possuem sobre o tema. A pesquisa, de natureza qualitativa, teve como sujeitos quatro professoras alfabetizadoras que possuíam, no mínimo, três anos de experiência docente em turmas de alfabetização na rede Municipal de Niterói. Neste trabalho, faremos um recorte do estudo, nos aprofundando na história de vida e profissional de uma dessas sujeitas professora alfabetizadora do Município de Niterói (RJ), que se destacou por sua ascensão e conquistada ao longo de sua trajetória. Os dados analisados nos evidenciaram influências das experiências de vida e histórias de letramento da alfabetizadora em suas atividades diárias e no desenvolvimento das práticas letradas.

**Palavras-chave:** Alfabetização, Letramento, Professora alfabetizadora, Vivências.

### **Introdução**

A alfabetização tem sido alvo de inúmeras controvérsias teóricas e metodológicas, exigindo que a escola e, sobretudo, aqueles profissionais que lidam com o processo de alfabetizar se posicionem em relação à mesma. Ao longo dos anos tem sido atribuído ao conceito de Alfabetização um significado bastante abrangente, caracterizando como um processo permanente, que não se esgota. Para Soares (2004, p. 14) a alfabetização *é entendida “como processo de aquisição e apropriação do sistema da escrita, alfabético e ortográfico”*.

Tfouni (2010, p.11) define que:

A alfabetização refere-se à aquisição da escrita enquanto aprendizagem de habilidades para leitura, escrita e as chamadas práticas de linguagem. Isso é levado a efeito, em geral, por meio do processo de escolarização e, portanto, da instrução formal. Alfabetização pertence, assim, ao âmbito do individual.

Soares (2010, p.16), buscando os sentidos etimológicos das palavras, recorre ao *Novo dicionário Aurélio*, que define “a ação de **alfabetizar**, [...], ‘ensinar a ler’ (e também a *escrever*, que o dicionário curiosamente omite) é designada por **alfabetização**, e **alfabetizado** é ‘aquele que sabe ler’ (e escrever)”. A alfabetização é um “estado ou qualidade de

alfabetizado”. Alfabetizar é promover o domínio do código linguístico, é ensinar a ler e a escrever.

Alfabetização, no contexto deste trabalho, portanto, é o processo de apropriação do sistema linguístico, de domínio dos princípios que organizam nossa escrita.

Caminhando junto com a alfabetização está o conceito de letramento. Segundo Soares (2010), “*letramento é o resultado da ação de ‘letrar-se’*”, ou seja, é o “*estado ou condição de quem não apenas sabe ler e escrever, mas cultiva e exerce as práticas sociais que usam a escrita*”. Problematizando a questão Soares (2004) coloca que, os conceitos de alfabetização e letramento estão sempre se mesclando.

A polêmica está posta. Buscando ouvir aqueles sujeitos que lidam com tais conceitos nas práticas diárias, esta pesquisa foi organizada, a partir da seguinte pergunta de partida: ***Como professores alfabetizadores se tornam letrados e que experiências pedagógicas vivenciam em seus processos de letramento?*** Muitas são as pesquisas no campo da alfabetização e do letramento, mas pouco se procurou saber sobre *como estes professores que estão alfabetizando chegaram até esse lugar. Por onde passaram? Como se alfabetizaram? Algumas instituições e/ou pessoas contribuíram para que tal processo ocorresse? O que de suas histórias influencia em suas práticas? Como entendem a alfabetização e o letramento? Que concepções possuem?*

As questões são muitas.

Muito se tem buscado para compreender o processo de alfabetização. Ouvir o professor é afirmá-lo como sujeito, é ampliar as possibilidades de compreensão desse processo. Para isso, tomamos como referência as palavras de Bakhtin, para dizer que a linguagem nos humaniza, é constitutiva do sujeito. Na pesquisa de Mestrado buscamos ouvir as *palavras e contrapalavras* de quatro alfabetizadoras, *sujeitos sociais*, conhecendo e compreendendo suas vivências e práticas de letramento.

Neste trabalho, faremos um recorte do estudo, nos aprofundando na história de vida e profissional de uma dessas sujeitas professora alfabetizadora do Município de Niterói (RJ), que se destacou por sua ascensão e conquistada ao longo de sua trajetória.

## **1. A pesquisa**

Ao abordar a temática alfabetização, grande parte das pesquisas, tem colocado os educandos como sujeitos. Compreendendo que, para um bom aprendizado das crianças, precisamos de professores qualificados e preparados

para atuar, tornamos os professores alfabetizadores sujeitos da pesquisa.

O desenvolvimento do projeto foi pensado a partir de uma coleta de dados, primeiramente, quantitativa, e mais à frente, qualitativa, em que um grupo de professores com experiência no município de Niterói respondeu a um questionário sobre suas vivências no mundo letrado. Após a seleção de sujeitos, as conversas informais e entrevistas semiestruturadas foram o caminho para conhecer melhor as professoras, suas práticas e trajetórias.

Elegemos o município de Niterói (RJ) como local de realização da pesquisa por ter encontrado poucas pesquisas realizadas na região que enfatizassem o processo de letramento dos professores alfabetizadores da rede, além da importância e do significado que a cidade exercia em mim como moradora e, na época, estudante do Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade Federal Fluminense, localizada no mesmo município.

Os olhares do pesquisador e do sujeito pesquisado sobre o mesmo objeto são diferentes. Ouvindo as professoras buscamos compreender os pontos de vista das sujeitas pesquisadas, analisar o que dizem, entender suas vivências e trajetórias profissionais, contribuindo com meu olhar de fora para entender o caminho que seguiram e os motivos de terem chegado onde estão.

Com esse trabalho também procuramos entender aspectos do desafio presente no campo da alfabetização e do letramento. Os altos índices de analfabetismo absoluto e analfabetismo funcional no Brasil e embates em torno da necessidade do conceito de letramento tornaram este estudo relevante. Apesar dos cursos e palestras de formação, percebemos uma necessidade de esclarecimento e conhecimento sobre este assunto. Ainda há muitos professores que não compreendem o conceito, assim como as divergências e aproximações entre alfabetização e letramento. É necessário entender as dificuldades dos professores para refletir sobre modos de atuação em atividades de formação e modos de ação em atividades alfabetizadoras de sala de aula, como professora.

A pesquisa se fez relevante ao contribuir para os debates no campo da linguagem, fornecendo elementos que ajudaram a compreender diferentes métodos e concepções de se letrar, a partir de uma análise do processo de construção do conhecimento. A carência de pesquisas sobre a história e o processo de letramento de professoras alfabetizadoras e a relação com seus modos de ensinar fazem esta temática proeminente.

## 2. A Alfabetizadora

Morena de pele clara e cabelos cacheados. Filha mais velha de cinco irmãos, quarenta anos de idade e vinte e seis de Magistério. Em 1990 terminava o curso Normal e, em 2001, após uma longa trajetória em sala de aula terminava o Normal Superior, exigido pelo Município. Vinda do interior do Estado do Rio de Janeiro, a professora **S**<sup>1</sup> abandonou a vida rural por opção. Segundo a mesma, “[...] na roça só tinham duas opções, ou ia para lavoura, ou ia dar aula”. Desde cedo sabia que seria professora, pois “não aguentava mais a lavoura”.

Meu pai tinha um dilema 'Aqui é a casa do bom homem, quem não trabalha também não come'. Se você não trabalhasse, você não tinha o direito. Eu lembro um dia meu irmão não tinha saído para trabalhar, quando chegou em casa que pegou o prato de comida meu pai deu um pontapé no prato que voou longe. Esse meu irmão ele escolheu a lavoura. Meu pai perguntava 'Você quer ser professor, você quer estudar ou você quer a foice?'. Meu irmão escolheu a foice. (Professora **S**, apud SASS, 2014)

Perdeu a mãe muito jovem, em um acidente de carro e aos quatorze anos assumiu a casa, após ter sido abandonada junto com seus irmãos pelo pai. Cuidava da casa, dos irmãos, dava aula e, à noite, estudava. A vida nunca foi fácil, e as muitas jornadas sempre fizeram parte de sua vida. Na época da pesquisa, em 2013, atuava em turma de 1º ano em horário integral e, quando sai da escola, em dias intercalados, passava a madrugada fazendo um serviço social da prefeitura, conversando com a população em situação de rua de todo o Município, oferecendo o serviço/emprego, tirando documento e ajudando essas pessoas.

Segundo Fontana (2010), a escolha de ser professor é sempre tardia. Sempre foi uma questão intrigante para mim. Desde nova eu sabia o que queria fazer no futuro, mas sempre tive total consciência que para muitas pessoas não é assim.

Buscando saber o que levou a sujeita da pesquisa escolher tal profissão, perguntamos sobre sua trajetória e formação. Tendo cursado Pedagogia por influência da irmã mais nova, que desde cedo se identificava com o ensinar, questiono a escolha dela e tenho uma resposta bastante comum: "era o mais fácil de pagar pra pobre", "tinha o retorno financeiro mais rápido", "era mais fácil de conseguir emprego". Todas as respostas refletindo a desvalorização da profissão entre aqueles que se tornam professores, mas não por querer e sim por consequência. Pensamos então na questão do desejar ser professor. Sendo mais fácil de passar no concurso, atrai muitas pessoas que não buscam qualificação e, sim, retorno financeiro imediato e baixo. Acaba se tornando um círculo vicioso, onde o profissional da escola básica

---

<sup>1</sup> Utilizaremos a letra **S** para identificar a professora sujeita deste trabalho, para manter a privacidade das informações pessoais.

não melhora a formação, porque não tem reconhecimento financeiro, e o governo não melhora os salários desses professores, porque não estão se qualificando, e assim por diante.

A falta de opção para **S**, abrindo mão do sonho que sempre teve de ser policial e escolhendo ensinar para fugir da lavoura e por ser a profissão que daria emprego mais rapidamente, não a fizeram desistir de ser uma boa professora. Como ela enfatizou algumas vezes em nossa entrevista, "Necessariamente não [gosta e não escolheu ser professora], mas já que tenho que ser, eu procuro ser a melhor". Quando as propostas da polícia surgiram, já estava dando aula e preferiu seguir no magistério a começar do zero em outra profissão.

### **3. A Transmissão Familiar**

Neves (2000, apud GOULART, 2004) diz que *"a memória também provoca esquecimento; como trama intrincada que é, entrecruza, entre outros, perenidade e volatilidade, por implicar um processo de seleção do passado social, coletivo"*. Adentrar na trajetória da professora fez com que vivêssemos e ela revivesse aqueles sentimentos do passado, este entrecruzamento de lembranças e esquecimentos.

Em um primeiro momento, quando questionada sobre suas trajetórias de alunas, sobre como tinha se alfabetizado, pudemos sentir a emoção, felicidade, ao lado de angústias, sofrimentos, nos fazendo entender seus processos de seleção de fatos e sentimentos do passado, misturando sensações boas e ruins.

Conhecendo um pouco de sua história, a professora nos falou de sua família e de que foi a primeira geração da família a chegar até a Universidade. Em seu discurso fica clara a vontade de crescer, chegar a um lugar onde as gerações anteriores não conseguiram chegar, além do estímulo para que os irmãos deem continuidade a este caminho. A professora **S** não teve filhos *"Eu não tive a felicidade de construir um lar, mas eu quero que ela [irmã] tenha o lar dela"*.

As origens familiares demonstram o motivo da geração da sujeita ser a primeira a cursar o Nível Superior ou até mesmo finalizar o Ensino Médio. Ao pensarmos no panorama social do Brasil, quando os avós e pais da professora escolheram que profissões seguir, fica refletido o lugar das classes populares no país. Infelizmente, era muito difícil uma pessoa de origem pobre conseguir estudar, finalizar o Ensino Médio ou fazer parte das "profissões imperiais no Brasil" (VARGAS, 2010).

Com o Ensino Fundamental incompleto, a mãe de **S** a alfabetizou, fazendo a filha ter interesse pela leitura e escrita. Mesmo que tenha

caminhado para ser professora porque não queria ir para a lavoura – condição imposta pelo pai – se dedica muito até hoje. Essa falta de opção fazia com que muitos familiares escolhessem esse destino, como duas de suas irmãs, outras tias e primas.

Entretanto, a escolha entre a lavoura e o magistério não definia a profissão a ser seguida pelo resto da vida. A própria **S** veio para a cidade com o sonho de ser policial e só não o seguiu porque a proposta mais rápida de trabalho foi como professora. Com suas duas irmãs também não foi diferente, enquanto uma virou cozinheira de creche, a outra se recusa a tentar um concurso na área de educação, preferindo trabalhar como vendedora de loja.

#### **4. Lembranças do barro ao papel e suas influências**

Segundo Maciel (2011), “*a profissão de professor é uma das mais antigas do mundo*”. O ensinar sempre esteve presente. Desde o tempo de Sócrates e Platão, mesmo sem uma estrutura física escolar, a profissão já se desenvolvia em locais públicos, como praças, ruas e ginásios.

O ser professor ganhou força na história, influenciando principalmente as mulheres, que por muitos anos, só podiam escolher entre o lecionar ou cuidar da casa. Hoje o panorama é outro. Mesmo que muito desvalorizada no aspecto financeiro, a profissão é amplamente popularizada e ocupada não só por mulheres.

Vindo do interior do Rio de Janeiro, **S** não pode contar com nenhum tipo de comparação entre professores para admirar, já que, “na roça”, só teve uma professora até a antiga 4ª série, Dona Joana, sobre a qual falou com bastante carinho. **S** foi alfabetizada no barro com gravetos, por sua mãe, já que não tinham condições financeiras de comprar um caderno. Somente quando entrou na escola a Alfabetização foi concretizada, já com quase sete anos de idade e por meio do método tradicional. Tendo passado por experiências, segundo seus relatos, um pouco traumáticas, a professora relatou que não costuma lembrar de seus processos de aprendizagem quando está dentro de sala.

A preparação das atividades, como a professora se organizava para dar aula, fazer o planejamento e desenvolver as atividades? A professora falou do esforço e do tempo que gasta preparando as atividades para a turma, de acordo com os projetos da escola ou da própria turma. A sociedade está na era da informação, das tecnologias, e com a professora não está sendo diferente. A busca por livros, textos, artigos e até mesmo materiais prontos na internet vem dominando os planejamentos. Muitas vezes, a procura por atividades prontas na internet, que só precisam ser impressas e xerocadas,



toma o lugar do planejamento, da preparação de uma atividade específica para a turma. Mais uma vez nos deparamos com a situação onde a falta de tempo e a lei do menor esforço prevalecem.

A partir dessas respostas, questionava sobre as leituras: onde buscava materiais? Por quem eram sugeridos? Neste momento surgiam as reuniões de planejamento. Isto é uma prática do Município, onde, uma vez na semana, as crianças saem um pouco mais cedo da escola e as professoras se reúnem com as coordenadoras, pedagogas, orientadoras e, quando necessário, diretoras da escola. É um momento de leituras e estudo coletivo e, a partir disso, acontecem as discussões sobre casos de cada turma envolvendo alunos específicos. Em todas as escolas isso acontece, inclusive na de **S**.

Ouvindo a professora foi possível imaginar um pouco do trabalho que realiza. Observando o ambiente de trabalho, as salas de aulas, pudemos ter maior clareza do que vem sendo desenvolvido por ela com os alunos. **S** destaca que “Ensinar eu não sei se é um dom, mas alfabetizar é. Não é qualquer pessoa que você coloca aqui na frente que vai conseguir”.

Em uma sala pequena, mas aconchegante. Com as divisórias de paredes ocupadas por calendário do mês e seus aniversariantes, poesias, enfeites coloridos de emborrachados e adesivos de borboletas e gatos: palavras que foram trabalhadas na turma. Acima do quadro um alfabeto com as vogais de cores diferentes e, no canto do quadro branco, uma lista de palavras que iam sendo trabalhadas pela professora com a turma diariamente. A cada encontro com a professora, esta lista de palavras crescia e **S** mostrava como a turma já tinha avançado.

Em uma das vezes em que estivemos na sala, a **S** havia pedido ajuda de outra colega de trabalho para colar cartolinas marrons em um pedaço da janela. Havia intenso reflexo do sol no quadro, impedindo os alunos de terem uma boa visualização. Após a colega ter terminado, **S** lhe agradece e fala: “Não se preocupe não, aí teremos um alfabeto, uma lista de palavras, um texto! O espaço será aproveitado!”. Notório o carinho e envolvimento da profissional com os estudantes.

Pudemos perceber a disponibilização de alfabetos à turma, desenhos e imagens para enfeitar e colorir a sala. Os espaços apresentavam poucas/quase nenhuma produções das crianças. Na maioria das vezes, a sala era pouco acessível para os alunos, os materiais permaneciam fora de seus alcances. Entretanto, acreditamos na importância de garantirmos não só o acesso a materiais de leitura e escrita a estas crianças, mas que estes sejam trabalhados e entrem na rotina das crianças com sentido. Os livros, revistas, jornais precisam estar disponíveis para as crianças manusearem, lerem,

folhearem e usarem a imaginação. É preciso desconstruir a ideia de que a leitura tem hora marcada, assim como o acesso aos diferentes espaços da escola, com livros disponíveis. Salas de leitura, bibliotecas precisam estar abertas no período escolar.

Estas observações tornam-se relevantes quando pensamos que, durante a fase de alfabetização o contato com textos de circulação social é imprescindível, uma vez que não basta apenas codificar e decodificar símbolos, é preciso saber ler as entrelinhas, interpretar e ser criativo. Os materiais de leitura precisam estar disponíveis para os estudantes e não só na mão do professor, é preciso trazer para o dia-a-dia da sala.

Parafraseando Soares (2004, p. 34), as escolas têm a obrigação de desenvolver habilidades de alfabetismo que torne as crianças capazes de responder a demandas em situações da vida cotidiana, tais como: no trabalho, dirigindo na cidade, comprando em supermercados etc.

Uma primeira mudança nesse aspecto é a de não esperar que as crianças saibam ler ou escrever para que tenham acesso aos conteúdos dos textos. A professora deve assumir, ela mesma, o papel de leitora e escritora, mediando o aspecto da decodificação, para que os alunos tenham acesso aos diferentes aspectos da significação. Os textos também podem ser lidos ou escritos por alunos que “já sabem ler e escrever”, da mesma turma ou de outras turmas, alterando os papéis e posições de quem pode ler e escrever para o outro. Diversificando-se, assim, o uso da modalidade oral e escrita em contrapartida a uma prática de leitura silenciosa e individual, priorizada em outras situações e momentos das aulas.

Esta prática não partirá do princípio da verificação de competências de leitura e escrita, ou seja, para avaliá-las, mas como uma prática que visa favorecer e democratizar o acesso a conteúdos e gêneros diversificados.

Fundamental também é a leitura e escrita dos professores, a importância do professor ser leitor e escritor, para formar leitores e escritores. Como Silva (1988, p. 13) já refletia

[...] o que o professor lê? Que acesso tem o professor aos livros de sua área de conhecimento? Quantas visitas faz o professor às bibliotecas, às livrarias? Quantos livros o professor tem condições de adquirir, visando o incremento do ensino e o seu crescimento como pessoa? Que tempo sobra afinal, para a busca e a leitura de textos? E a biblioteca escolar existe e está funcionando realmente?

S lê para distrair a mente e só consegue se desligar quando está lendo, “[...] só assim pra acalmar o espírito”. Diz que, a leitura é “tudo o que me traz informação, tudo o que me traz um bem estar espiritual, tudo o que contribui para a minha cultura”. Considera a leitura



um lazer divino! Lê todo dia, na escola para os alunos e mais na parte da noite. Além das leituras de sua doutrina espiritual,

[...] Sabe o que eu gosto muito de ler? Mas é uma coisa minha! Bula de medicamento! É sério! Procuo ver o laboratório, procedência, farmacêutico se é alguém que eu já conheço de outro laboratório, se é novato... Olho os efeitos colaterais do medicamento. (Professora S, apud SASS, 2014)

A professora gosta de escrever coisas que trabalham com a imaginação da criança, geralmente as histórias do caderno de leitura é ela quem escreve, inventa, sempre utilizando o nome de uma criança. Interessante que ela nunca guarda "[...] porque todo ano é uma dificuldade diferente, é um desafio diferente, são crianças diferentes". As crianças a inspiram a escrever!

Entrando na discussão da leitura e da escrita, a professora S também compartilha da concepção que as divergências entre Alfabetização e Letramento não devem preocupar o alfabetizador. Dentro de sala a professora procura trabalhar sem se preocupar com as nomenclaturas e definições, já que para ela, “um [conceito] sem o outro não vive, não adianta”.

Como que você alfabetiza uma pessoa sem construir uma base de letramento nela? Como alfabetizar sem letrar e letrar sem alfabetizar? Todos os seus alunos saem ortográficos? Você é ortográfica? Você quer preparar o seu aluno para a série seguinte ou você quer preparar o seu aluno para concorrer com filhinho de papai e mamãe lá de baixo? Eu falo para eles. Vocês têm que dar o melhor de vocês, vocês tem que concorrer com neguinho lá do asfalto. É assim que eu quero vocês. (Professora S, apud SASS, 2014)

Parafraseando Frade (2003), precisamos considerar que as “vivências e participações em atos de letramento podem alterar as condições de alfabetização” e ainda

o conceito de letramento abre um horizonte de possibilidades pedagógicas: ajuda a compreender os contextos sociais e sua relação com as práticas escolares, possibilita investigar a relação entre práticas não escolares e o aprendizado da leitura/escrita e faz a escola repensar seu papel como agência de letramento.

A introdução do termo letramento no Brasil ainda é recente, tendo sido pouco esclarecido para aqueles que estão lidando diretamente com as questões específicas do alfabetizar e letrar; os professores. Apesar dos cursos e formações oferecidos pelo governo, a abrangência é pequena e, conseqüentemente, o esclarecimento também se torna.

No conceito de *alteridade*, Bakhtin (2010) afirma que é impossível alguém defender sua posição sem correlacioná-la a outras posições. Ouvindo as professoras, em muitos momentos pude perceber um discurso impregnado de

*palavras outras*, como S ao definir o letramento,

Eu trabalho muito com textos, com músicas, eu não me apego a ensinar aquela palavrinha pro aluno, entendeu? Eu acho que é uma visão mais geral, é você construir mesmo o significado daquela palavra, não é só você apresentar a palavra, é você trabalhar com o significado daquilo, é aquela escrita ter uma função social, entendeu? O letramento eu vejo por esse lado. (Professora S, apud SASS, 2014)

Mesmo usando as palavras próprias, pude notar que a professora definia com clareza os conceitos e explicava suas aproximações e distanciamentos, mesmo que não concordasse com a “criação” deste conceito, acabando por referir a ele como um “*modismo*”, “*conceito meio perdido*”.

Saber conceituar o letramento e aproximá-lo ou distanciá-lo da alfabetização não era pré-requisito para que pensasse nessa separação ao planejar suas atividades. Refletir sobre os conceitos não era prioridade nos momentos de elaboração de atividades e/ou planejamentos. Não se preocupava porque, segundo ela, os processos estão misturados e não só na teoria! Falava em usar músicas, bilhetes, receitas e reportagens em sala, relacionando estas atividades ao letramento. Entretanto, os estudos e leituras sobre o assunto não são tão rotineiros. Lembranças de artigos, livros e autores que estudem a temática foram poucas.

No discurso da professora houve o uso das expressões “eu acho que”, “entendeu?” e “né?”. Entendemos como uma necessidade em deixar claro que a opinião que estavam trazendo poderia não ser a “politicamente correta”, ao mesmo tempo em que ela classificava como objeto de discurso pessoal. Discursos esses impregnados de *contrapalavras*, enquanto a professora acreditava estar omitindo opiniões pessoais.

### **Considerações finais**

Selecionar as professoras que seriam sujeitas da pesquisa não foi uma tarefa fácil. Dentre as quarenta e quatro Escolas Municipais de Niterói, foram selecionadas cinco junto ao Núcleo de Estágios da Fundação Municipal de Educação. Desde o início sabia que a professora S faria parte da pesquisa. A escola onde atua se localiza bem no alto do morro, dentro de uma comunidade. O acesso não era dos mais simples. Era preciso justificar a subida ao mototaxi e estar sempre com livros e cadernos em mãos, demonstrando ser professora. Muitos motivos teríamos para desistir desta história, mas a insistência não era à toa.

A simpatia, carisma, delicadeza e simplicidade me envolveram, assim como a sua história. Não é sempre que encontramos uma professora que aprendeu os números porque, a pedido de sua avó, apostava no jogo do bicho, que

aprendeu a escrever no barro, porque sua condição socioeconômica não a permitia ter um caderno e um lápis, e hoje, alfabetiza crianças. Ou uma professora que gostaria de ter sido policial, mas que, em nenhum momento demonstrava frustração em não ter seguido seu sonho, pois, como ela mesma falava, “se é para ser, que seja a melhor”. Se é para ser professora, que seja a melhor.

Lembro-me bem cada vez que cheguei a sala de aula e ser recebida com um sorriso, às vezes um pouco desconfiado, já que, em um primeiro momento, eu ainda era uma "intrusa pesquisadora". Com um pouco de conversa e esclarecimento, o ambiente ia se tornando leve e amigável e o "intrusa" ia sumindo no meio de tanta troca. Não só ouvi, mas também narrei minhas vivências. Nesses alguns encontros que tive com a professora **S**, vivi aquilo que estava sendo narrado, fazendo com que me sentisse próxima das histórias, alegrias, tristezas, indecisões e sucessos.

Toassa (2009, p.209) relata que, para Vigotski a vivência é como “*experiências participativas vitais, imediatas*”, onde a “*vivência torna-se unidade dinâmica da vida consciente, marcada pela referência ao corpo, às representações e ideias, ou ao mundo externo; com maior atividade desta ou daquela função psíquica*”. A professora **S** propicia diversas experiências para os seus alunos, mas a vivência é a reação do indivíduo, é de cada um, de cada criança, a partir da experiência. Conhecer a professora **S** foi uma excelente experiência, assim como vivenciar a pesquisa sobre a história de letramento desta alfabetizadora.

## Referências

- BAKHTIN, M. M. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 2009.
- BAKHTIN, M. M. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.
- FONTANA, R. A. C. *Como nos tornamos professoras?* Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010. 3. ed.
- FRADE, Isabel Cristina da Silva. *Alfabetização hoje: Onde estão os métodos?* Revista Presença Pedagógica, v. 9, n.50, Minas Gerais: mar/abr. 2003, p.16 a 29.
- GALVÃO, A. M. *Leitura: algo que se transmite entre as gerações*. In: RIBEIRO, V. M. (org.). *Letramento no Brasil, reflexões a partir do INAF 2001*. São Paulo: Global, 2004.
- GOULART, C. M. A. *Uma abordagem bakhtiniana da noção de letramento*. In: FREITAS, M. T.; JOBIM e SOUZA, S; KRAMER, S.(org.). *Ciências Humanas e Pesquisa: Leituras de Mikhail Bakhtin*. São Paulo, Cortez Editora, 2007.

histórica no contexto da educação fluminense e da cidade de Niterói no século XX. Relatório final de pesquisa, Niterói, 2004.

GUEDES-PINTO, A. L. *Rememorando trajetórias da professora-alfabetizadora: a leitura como prática constitutiva de sua identidade e formação profissionais*. 2000. 232 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2000.

MACIEL, J. L. *Profissão professor*. Ponta Grossa: 2011. Disponível em: [www.overmundo.com.br/download\\_banco/profissao-professor](http://www.overmundo.com.br/download_banco/profissao-professor)

MINAYO, M. C. de S. (org). DESLANDES, S. F. GOMES, R. *Pesquisa Social – Teoria, método e criatividade*. Petrópolis: Vozes, 2010.

MORTATTI, Maria do Rosário Longo. *Os sentidos da alfabetização*. São Paulo, 1876-1994. São Paulo: Editora da UNESP, 2000.

REZENDE, P. C. *A transmissão familiar da leitura e da escrita: um estudo de caso*. In: GALVÃO, A. M. de O. [ET AL.], (orgs). *História da cultura escrita: séculos XIX e XX*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2007.

SASS, C. *Histórias de letramento de professoras alfabetizadoras: Vivências e trajetórias profissionais*. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal Fluminense. 2014.

SOARES, M. *Letramento e alfabetização: as muitas facetas*. *Revista Brasileira de Educação*, 25:5-17. 2004.

\_\_\_\_\_. *Letramento: Um tema de três gêneros*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

SILVA, E. T. da S. *Criticidade e Leitura: ensaios*. São Paulo: Mercado de Letras, 1998.

TOASSA, G. *Emoções e vivências em Vigotski: investigação para uma perspectiva histórico-cultural*. 2009. 348 p. Tese (Doutorado em Psicologia) – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

TFOUNI, L. V. *Letramento e Alfabetização*. São Paulo: Cortez, 2010.

VARGAS, Hustana Maria. *Sem perder a majestade: “profissões imperiais no Brasil”*. *Estudos de Sociologia*. UNESP, v. 15, n. 28 (2010). Disponível em <http://seer.fclar.unesp.br/estudos/article/view/2553>.